mocidade portuguesa feminina
FÉRIAS
Foto Walter San Payo

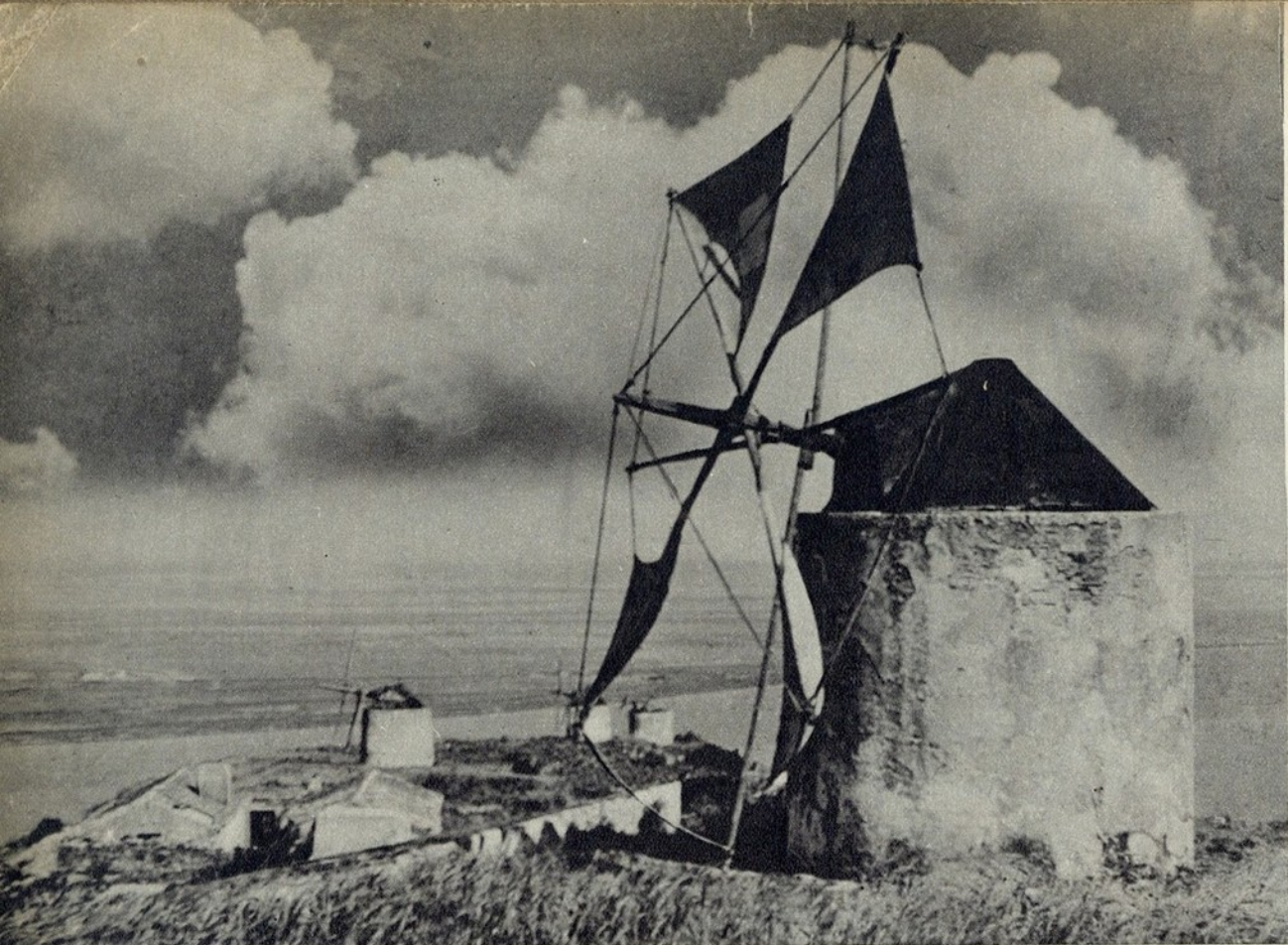



Foto: FERNANDO DE PONTE E SOUSA

Sumário

N.° 75-76
JULHO - AGOSTO
1945

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, T. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

Divina Amarra

Ser livre, absolutamente livre, é a ânsia maior, para não dizer a maior tentação, que persegue o homem.

E à mocidade tortura-a o par de asas que traz dentro do peito e que a todo o momento a provoca para a evasão, para a evasão da liberdade plena — da vida plena.

E tem razão o homem... E tem razão a mocidade... Foi o Senhor quem criou o homem livre e lhe concedeu, com o privilégio da inteligência, o dom da liberdade. E em tamanha monta tem Deus esta honra que nem mesmo para evitar o pecado, Êle retira ou impede o homem de usar do seu privilégio.

* * *

Vem o «sermão» a talho de férias...

Estão aí, aí as tens já, ó mocidade folgazã, sempre tão mal acautelada contra os desmandos dos teus 16... 18... anos.

Há quanto tempo vinhas sonhando, sonhando... com as tuas férias, com as férias dêste verão!...

E está bem, sobretudo se as mereceste, e se as preparaste...

Goza-as na **paz** e na **alegria** — na **saúde** do corpo e da alma, aí ao sol, respirando o ar sàdio das alturas, no contacto com a natureza grande e bela, o melhor testemunho da grandeza e da Beleza de Deus que a criou e no-la deu para regalo dos olhos e tónico do espírito...

Férias no **trabalho** — que a ociosidade é mãe de vícios, perturbadora de consciências, amolecedora da vontade...

Férias em **pureza** — faze três juras que não deixarás cair uma nódoa nem no olhar, nem lá dentro na imaginação, e muito menos consentirás que se embacie o cristal do teu coração de rapariga — a tua maior riqueza com a graça de Deus que é o maior bem do homem.

* * *

Mas tantos perigos, tantas e tais tentações!...

Antes de escutares as sereias, **reza**; ergue oratórios por tôda a parte, e faze no santuário do teu peito, o melhor de todos: Deus lá dentro *sempre presente*.

Amarra-te ao que deves a ti mesma, ao que Deus te deu.

Não largues das tuas resoluções e das promessas que fizeste ao Senhor antes de partir para férias.

Amarra o coração e a consciência lá bem dentro de ti: **Êle está lá!**

Por tôda a parte: **Êle está presente**.

G. A.

Dr.ª D. Maria Luiza van-Zeller

POR ter sido nomeada Sub-Directora do Instituto Maternal pediu a demissão de Comissária Adjunta da Mocidade Portuguesa Feminina a Snr.ª Dr.ª D. Maria Luiza van-Zeller.

A Snr.ª Dr.ª D. Maria Luiza van-Zeller marcou dentro da Mocidade Portuguesa Feminina um lugar que a consagrou como uma das suas mais completas Dirigentes. Por isso, com mágua a vemos afastar-se do nosso convívio e do nosso labor, onde a sua razão esclarecida e o seu grande coração sabiam encontrar sempre e em todos os casos aquela solução que o prestígio da Mocidade Feminina exigia. O Govêrno, reconhecendo mais uma vez as suas altas qualidades, nomeou-a Sub-Directora do Instituto Maternal.

Acompanham-na no seu novo cargo os nossos votos de felicidade e as nossas saüdações amigas.

MARIA GUARDIOLA

* * *

Na séde do Comissariado realizou-se uma festa de despedida em honra da sr.ª D. Maria Luiza van-Zeller. Assistiu a Ex.ma Comissária Nacional e várias Dirigentes.

Como prova de reconhecimento e recordação do tempo em que trabalhou na M. P. F., a Ex.ma Comissária Nacional entregou à sr.ª D. Maria Luiza van-Zeller um broche com flores de oiro e as empregadas do Comissariado um lindo cesto de flores naturais.

A festa, que decorreu num ambiente muito íntimo, terminou com um chá, para o qual as graduadas fizeram os bolos.

Festa de despedida, em que os olhos se arrazaram de saüdades...

Férias!

O sol é mais brilhante nos caminhos...

A alegria é mais cantante nas almas...

São dias que o Senhor fez para tua alegria: dá graças a Deus!

Se não saíres da cidade, aproveita as férias o melhor que puderes.

De vez em quando vai de eléctrico até um dos extremos da cidade: Benfica, Lumiar, Carnide ou Cruz Quebrada, e mete-te por caminhos pouco pisados, que te darão a impressão de que também tu partiste para longe!

Ou toma o comboio para uma das praias da linha de Cascais ou atravessa o rio para a Outra Banda. Já experimentaste! É tão bonita a travessia!

Vês? à porta da cidade tens o campo e o mar.

Não te queixes da tua pouca sorte porque outros partiram e tu não!

Aproveita também as férias para visitar os museus e monumentos que tens a dois passos de ti e — que vergonha!... — ainda não conheces, talvez.

Se souberes tirar partido das tuas férias, em tôda a parte as poderás gozar!

Ascenção

Foto : BROMSILBER

QUE as tuas férias sejam uma ascenção !
Não desças à banalidade de uma vida sem ideal — vida sem rumo, é vida desencaminhada.
Não desças à inferioridade de uma vida inútil.
Não desças à vulgaridade da vida de tantas...

Sobe !
Escala os montes, se puderes. Descobrirás mil maravilhas ignoradas.
Sobe !
Procura para a tua própria alma, numa vida mais elevada, um ar mais puro e um céu mais azul.
Sobe !
Em face da montanha — seja ela material ou simbolismo de altura — sentir-te-ás mais atraída pelos braços abertos de Cristo !

POETAS PORTUGUESES
CAMILO PESSANHA

FOI o poeta da saüdade que, lá longe, no esmaecer do nascente, cantou a nostalgia da Pátria estremecida.

Nasceu em Coimbra em 1871, tendo-se aí bacharelado em Direito. Em plena actividade intelectual partiu para Macau como Conservador do Registo Predial onde esteve durante 20 anos em exílio voluntário, levando, ou por outra, arrastando uma vida monótona, desarmónica e, sobretudo, infeliz.

A sua maneira de ser extravagante tem por vezes manifestações incompreensíveis: através da sua natureza imetódica e desorganizada reina uma resignação *«um não sei quê de frustrado e humilhado»*, ou dizer de José Régio, que dá à sua poesia um carácter de passividade e calmaria:

«A minha alma é lânguida e inerme.
Oh! quem pudera deslizar sem ruído...»

Essa paz repercute-se, como um éco de alma, de verso em verso:

«Inútil! Calmaria. Já colheram
As velas. As bandeiras sossegaram...

. . . .

Pararam de remar! Emudeceram!»

A saüdade da Pátria é o grande tormento sempre presente durante o seu tempo de Macau; e a sua obra, porque é um registo fiel da sua vida interior, transcreve-o em soluços magoados de desespêro:

«Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho,
Onde esperei morrer — meus tão castos lençóis —?
Do meu jardim exíguo de altos girassóis
Quem foi que os arrancou e lançou no caminho?»

E mais adiante essa mesma saüdade parece satisfazer-se um pouco na imensidão do mar. Nêle, o poeta estende em gesto do infinito, o seu olhar. O mar, a estrada única para a terra querida! E é o mar ainda que na sua música dolente exprime os 3 actos do drama do seu exílio:

A Partida:

«Enfim, levantou ferro,
Com os lenços, adeus, vai partir o navio.
Longe das pedras más do meu desterro
Ondas do azul Oceano, submergi-o»

A jornada oriental:

«Ao meu coração um pêso de ferro
Eu hei-de prender na volta do mar.
Ao meu coração um pêso de ferro...
Lançá-lo ao mar.

Quadro de Rossetti

O Regresso:

«Quando voltei encontrei os meus passos
Ainda frescos sôbre a límpida areia,
A fugitiva hora, reevoquei-a
— Tão rediviva! nos meus olhos baços...»

E a sua paixão pelo mar é tão absorvente que muito raras vezes é evocada a beleza exótica das paisagens chinesas.

Só uma vez por outra deixa cair alguma nota fugidia, denunciadora de símbolos orientais:

«Entre castelos, serpes batalhantes
E águias de negro, desfraldadas as azas...

. . . .

Tatuagens complicadas do meu peito
— Trofeus, emblemas, dois leões alados — ...»

Porquê esta indiferença sua pelo misterioso nascente?

António de Queiroz lança sôbre êste facto a seguinte explicação: «Notáveis prosadores têm celebrado condignamente os encantos dos países exóticos. Poeta, nenhum.

Os poucos que vagueiam e se definham por longínquas regiões, se acaso escrevem em verso, é sempre para cantar a Pátria ausente, para se estremecerem ante as ruínas da antiga grandeza pátria e sobretudo para dar desafogo à irremediável tristeza que os punge».

E assim, Camilo Pessanha preferia recolher-se dentro da sua memória e deixar que as imagens o levassem ante os lugares amados:

«Imagens que passais pela retina
Dos meus olhos, porque não vos fixais?

. . . .

Porque ides sem mim, não me levais?

E continua recordando mundos de vida e de paixão:

«E eis quanto resta do idílio acabado
— Primavera que durou um momento!
Como vão longe as manhãs do convento
Do alegre conventinho abandonado...»

Mas Camilo Pessanha foi, acima de tudo, um **poeta simbolista**. Êle e Eugénio de Castro são apontados a dedo como os que melhor representam entre nós essa corrente poética cheia de luz, de som e de sugestões. Contudo, o simbolismo de Pessanha, todo interior e universal, tende a opôr-se ao de Eugénio de Castro, todo pessoal e exterior.

Tal como em Paul Verlaine, o mestre consagrado do simbolismo, os poemas aparecem repassados de uma música triste e dolente. Ambos preferem o ritmo sonante, as palavras que, juntas, são sinfonias: ambos amam os temas cheios de harmonia, mas tristes e magoados. Ouçamo-los soluçar:

«Les sanglots longs	*«Chorai arcadas*
Des violons	*Do violoncelo!*
De l'antomne	*Convulsionadas,*
Blessent mon coeur	*Pontes aladas*
D'une langueur	*De pesadêlo...»*
Monotone»	
(Paul Verlaine)	(Camilo Pessanha)

Sentiu, como vimos, todo o alcance do simbolismo e viveu-o com profundidade até atingir o que nêle há de mais sublime e elevado: o dar através de uma ou duas palavras todo um mundo de pensamentos, um turbilhão de idéias, um caudal de felicidades ou amarguras, um infinito de insatisfação, etc.

A natureza ocupa na sua obra e sobretudo no seu estado de alma um papel essencial. Êle é como Charles Baudelaire a imaginou na sua poesia «Correspondences» a grande abóbada onde ecoam e se cruzam os sentimentos humanos.

E ei-la aqui, a traçar sonhos de esperança:

«Desce em folhedos tenros a colina,
— Em glaucos, frouxos tons adormecidos,
Que saram, frescos, meus olhos ardidos
Nos quais a chama do furor declina».

Mas além, a marcar a frieza de uma desilusão:

«Floriram por engano as rosas novas
No inverno: veio o vento desfolhá-las...»

Também a Camilo Pessanha, como a todos os poetas simbolistas franceses, cabe o epíteto de «poète Maudit». Uma negra predestinação avassala e entenebrece sempre os horizontes da sua vida:

«Estranha taça de venenos
Meu coração sempre se revolta...»

E mais adiante, como irònicamente, mete mêdo a essa natureza revoltada:

«Coração, quietinho... quietinho...
Porque te insurges e blasfemas?»

E, numa pequena jornada, traçámos o perfil interior de um grande poeta. E' pouco conhecido ainda, talvez porque a «Clépsidra», compilação dos seus poemas, só há bem pouco tempo tenha sido reeditada, talvez porque poucos o tenham tentado adivinhar e sentir e muitos o tenham querido compreender.

Maria Estrêla Monteiro

DESPORTOS

ELASTICIDADE, RESISTÊNCIA, SAÚDE E BELEZA DO CORPO

PARA uma boa saúde, factor n.º 1 da beleza física, precisamos de ar, sol, exercício e bôa alimentação.

Os desportos mantêm a linha elegante do corpo, desenvolvem-no e dão-lhe vigor. Aceleram a circulação do sangue e produzem a transpiração. A transpiração elimina grande parte de matérias tóxicas, como o ácido úrico, etc. Os movimentos rápidos, seguidos, aceleram a respiração e o coração bate com muito mais violência. Ao princípio não estamos habituadas e perdemos o fôlego, mas com a repetição dos movimentos adquiriremos treino. Quando o coração bate com rapidez, o sangue gira nas veias com muito mais velocidade, é espelido naturalmente e vai irrigar a parte adiposa onde habitualmente não chega.

Então produz-se o emagrecimento natural pela perda de tecido adiposo ou seja, gordura.

Combinados com a cultura física, os desportos, seriam ideais!

Como a cultura física exige um esfôrço moral muito maior, e as dietas não são de aconselhar por serem perigosas, resta o desporto que podemos praticar mais fàcilmente.

A marcha, por exemplo. Que bom andar de manhã ao sol empurrando o carrinho do bébé!

E correr? Correr com os manos pequenos ao ar livre; jogar com êles, ensiná-los a gostar do exercício...

Na adolescência, na mocidade, e na plenitude da idade adulta da mulher, os desportos ajudam-na.

Desenvolvem-lhe o corpo e mantêm a "linha„. Dão-lhe elegância e precisão nos movimentos, e resistência física.

* * *

Assim como as fôrças morais imprimem o seu cunho no físico, também as fôrças físicas imprimem, de certo modo, o seu cunho ao espírito: dão-lhe têmpera e tornam-no aguerrido.

Notemos, que os reflexos morais dos desportos e da cultura física não são de molde a desprezar. Senão, vejamos: — O gôsto e a prática dos desportos por vezes perigosos, como a equitação e a natação, desenvolvem: a prudência, a decisão, a fôrça de vontade, o sangue frio, a audácia e a resistência moral.

A esgrima, desporto quási nunca usado por mulheres, por desenvolver o corpo desigualmente e requerer uma fôrça física que nos não é dada, desenvolve: a argúcia, a agudês de percepção, a sensibilidade, a presença de espírito e o hábito da concentração do espírito e dos sentidos num só ponto: o adversário.

Nos desportos aprendemos a "saber perder", ciência útil na vida onde as contrariedades são muitas.

Saber perder com naturalidade educa e combate o egoísmo, e o excesso de susceptibilidade, tão vulgar em nós, latinas.

Os desportos, como o Ténis, o Volley-Ball, o Ring etc, são jogos agradáveis que se jogam em conjunto. Depois da derrota surge o desejo de jogar melhor para alcançar a vitória: — gôsto de vencer as dificuldades, desejo de aperfeiçoamento, resistência.

O moral e o físico, estão de tal maneira amalgamados, que se influenciam mutuamente e produzem às vezes resultados inesperados. E' freqüente ouvirmos dizer dum bom atleta bem treinado e completamente "em forma":

— Foi derrotado por que perdeu o moral" — influência moral sôbre o físico a ponto de aniquilar a fôrça atlética e o seu equilíbrio.

A fôrça moral, poderosíssima, desenvolve-se e aperfeiçoa-se melhor num corpo robusto e sàdio. Isto de uma forma geral, pois aquêles que conseguem adquiri-la nas duras provações da doença, da debilitação e do enfraquecimento físico, estão acima do vulgo. São os Heróis e os Santos! São as que *se* venceram e *se* dominaram!

Mas já nos vamos alongando e ainda não falámos nos desportos mais ao alcance das raparigas.

Alguns, como a equitação são caros e difíceis de praticar. Mas outros há, felizmente, mais ao alcance de tôdas as bôlsas.

Há a Patinagem que está agora tão à moda. É um exercício divertido, que dispõe bem e trabalham os músculos todos, pois os movimentos e o esfôrço instintivo que fazemos para nos equilibrar são uma ginástica inconsciente, mas adequada.

A cadência e o ritmo que depois se adquirem dão elegância e graça, mas... cuidado com as quedas ao princípio!

O Ténis joga-se muito nas praias, nas estâncias termais e mesmo em Lisboa. E' agradável e interessante. Requere agilidade, golpe de vista e técnica. Mas.... cuidado! Se exagerarmos teremos o braço direito mais desenvolvido que o esquerdo.

Convém fazer de vez em quando um exercício compensador; até com a própria raquette. O ciclismo, que quási tôdas as raparigas de hoje praticam, que bom!!! Andar estrada fora ao sol e ao vento!...

Éste exercício adelgaça muito as ancas, mas... se exorbitarmos ficaremos com barrigas de perna de futebolista...

Como em tudo mais é bom que observemos o velho preceito latino — *in medio virtus.*

No meio está a virtude, e nos desportos e exercícios como em tudo mais o excesso é perigoso e dá às vezes resultado contrário ao desejado.

No prática da natação, o exagero e as corridas de resistência, diárias podem dar o desenvolvimento excessivo dos ombros, das costas e da caixa toráxica: — desiquilíbrio na harmonia geral. Ao contrário as corridas em velocidade (em espaço curto), os saltos da prancha, o "crawll„ em pequena escala; alongam a silhueta, enrobustecem o tronco sem o deformar.

São; a natação, o ciclismo, o ténis, o patim e a marcha, os desportos que tôdas praticamos ou podemos praticar. Por isso falámos nêles; para que, conhecendo-lhes as vantagens os pratiquemos com consciência do seu valor físico e moral e nos tornemos mais fortes; que dos fracos não reza a história.

MARIA BENEDITA

ORDEM DA CONCEIÇÃO

E O CENTENÁRIO DA PADROEIRA

ENTRE as manifestações de desorientado furor anti-religioso que em Portugal, se sucederam à queda da Monarquia, em 1910, conta-se, como uma das mais injustas e insensatas a extinção da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição. Não só se tomou uma atitude de menosprêzo pela excelsa Padroeira de Portugal que desde todos os tempos nos protegeu e salvou como também se quiz fazer desaparecer para sempre um dos monumentos erguidos ao heroismo e patriotismo dos portugueses. Porque a Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição se era um preito justíssimo à glória soberana da Mãi de Deus, Senhora e Madrinha da nossa Terra, não era menos a lembrança viva e eterna da decisão alevantada com que patriòticamente soubemos expulsar e vencer o Estrangeiro no tempo das invasões francesas.

Senão recordemos:

Quando a arremetida napoleónica pôs em perigo a independência da Pátria foi para Nossa Senhora da Conceição que os portugueses se voltaram confiados e certos de que seriam salvos pela Sua Protecção, pelo Seu nunca negado auxílio.

Mal a Nação se viu livre dos invasores muitos foram os actos e cânticos com que o povo agradeceu à Padroeira. Entre êstes houve um que teve como título *Cantico a Maria Santissima em acção de graças por nos ter livrado dos pérfidos e malvados francêses* (*Lx. 1808*) de que Alberto Pimentel, na sua «História do Culto de Nossa Senhora em Portugal» cita as três seguintes quadras:

Cantemos à Virgem
Louvores gerais
Digam todos comigo:
Bendita sejais

Bendita e louvada
Mil vezes e mais
Louvada e bendita
Bendita sejais

. . . .

Saiam jà cantando
Pelos seus casais
Todos vão dizendo
Bendita sejais.

Tornava-se, no entanto, mister que um acto oficial traduzisse o público e unânime agradecimento de tôda a Nação Fidelissima à Virgem Imaculada.

Foi assim que em Fevereiro de 1818, D. João VI que havia dois anos tinha subido ao trono entendeu dever patentear de forma bem expressiva a gratidão nacional à Nossa Senhora.

E instaurou a Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição pelo seguinte diploma Régio:

Tendo-se celebrado o Acto Solene da minha Aclamação na Sucessão da Corôa destes Reinos; e reconhecendo ser graça de Deus Omnipotente e uma poderosa protecção da Providência que, depois de tantos perigos tem salvado a Monarquia. E querendo que fique perpetuada a memória de tão extraordinários sucessos e da Devoção que consagro a Nossa Senhora da Conceição invocada por Padroeira dêstes Reinos pelo Senhor Rei D. João Quarto, meu predecessor e avô, tenho determinado instituir uma Ordem Militar da Conceição de que ficará sendo cabeça do Ordem a Capela Real de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, na Provincia do Alentejo; e terá as diferentes Ordens de Grã-Cruzes, Comendadores, Cavaleiros e Serventes, em número prefixo, como se exporá nos Estatutos que lhe Hei de dar; sendo as Grã-Cruzes destinadas para os titulos, as comendas para os que tiverem Filhamento de Fidalgos da Minha Real Casa e semelhantemente as mais condecorações.

A Mêsa da Consciência e Ordens o tenha assim entendido; formalizando os Estatutos, e maio providencias precisas para a sua execução os faça subir em Consulta à Minha Real Presença.

Palacio do Rio de Janeiro, em 6 de Fevereiro de 1818 — com a Rubrica de Sua Magestade.

Dentro de meses apenas, Portugal começará a celebrar o III Centenário da sua consagração à Imaculada. Foi em 25 de Março de 1646 que as Côrtes, reünidas em Lisboa, por sugestão do Senhor D. João IV consagraram o Reino a Nossa Senhora da Conceição.

Do Norte a Sul da nossa Pátria irá pela certa ouvir-se o côro dos agradecimentos que lhe são devidos pelo disvelo carinhoso com que desde sempre tem protegido a nossa Terra que é Sua.

Nessas homenagens e preitos, não faltará de tanto estamos seguros a presença do Poder.

É, pois senhora dessa convicção que a Mocidade Portuguesa Feminina se permite sugerir ao Govêrno como remate condigno das próximas comemorações a restauração da Ordem da Conceição porventura com Estatutos novos amoldados aos tempos e às circunstâncias, mas, no fundo, lembrando ainda e sempre êsse milagre admirável em que pela fôrça da protecção da Virgem Nossa Senhora os portugueses puderam realizar êsse esfôrço heróico de patriotismo graças ao qual conseguimos expulsar o invasor e manter intacta a independência da Pátria.

Fazendo-se éco do alvitre que a fica a M. P. F. está certa de interpretar não apenas o sentir de tôdas as raparigas e mulheres de Portugal, mas, mais do que isso, do sentimento de tôda a Nação Fidelíssima que achará, dêste tributo tão justo quanto sincero, mais do que digna Nossa Senhora — aquela para Quem tôdas as honras são poucas e insignificantes, por maiores e mais grandiosas, e com êle entoará novo hino de louvor e gratidão, esta gratidão que, para com a Virgem Santissima, deve ser eternamente viva em peitos portugueses.

O. P.

A PROPÓSITO DUMA EXPOSIÇÃO E DUMA CONFERÊNCIA

REALIZOU-SE em Maio passado, no palácio das Galveias, por iniciativa da *União Noelista Portuguesa* e sob a direcção artística da Ex.ma Senhora D. Maria José de Mendonça, Conservadora do Museu das Janelas Verdes, a 1.ª Exposição de Arte Sacra Moderna.

Não vamos fazer a crítica da Exposição, pois não é com a banalidade de meia dúzia de adjectivos que se classificam obras de arte ou se faz o elogio da organizadora da Exposição, cujo valor, de resto, as nossas leitoras já conhecem, porque várias vezes se tem dignado colaborar na nossa Revista.

Pretendemos apenas louvar a iniciativa, que merece ter continuação, e recolher os ensinamentos que a Exposição e a Conferência que a antecedeu nos deram.

Nem tudo na arte sacra moderna é belo e satisfaz a nossa sensibilidade artística.

Mas a sinceridade e sobriedade de algumas obras modernas são uma lição de bom gôsto a corrigir o mau gôsto da *boniteza* pretenciosa de certa arte (!) religiosa que por aí anda.

Que poderemos, nós, fazer para contribuir para o aperfeiçoamento da arte sacra?

Visitemos as Exposições e Museus para educar o nosso sentido artístico e habituarmos os olhos a distinguirem o bom do medíocre e o belo do bonito.

Há um certo «maneirismo» (afectação nos processos artísticos) que tem de ser eliminado da arte sacra; esta precisa de *alma* e idealismo cristão.

Quando comprarmos imagens ou estampas religiosas para a nossa casa, ou nos for dado intervir na compra de estátuas ou objectos para uma igreja, tenhamos cuidado na escolha!

Não nos deixemos tentar pelo «abonecado»!

E no arranjo das igrejas — a que talvez durante as férias nos dedicamos — procuremos introduzir um poucochinho de bom gôsto...

Sem ferir as susceptibilidades de ninguém, nem desrespeitar a fé ingénua do povo, com delicadeza e tacto, procuremos «varrer das nossas igrejas tôda essa fancaria de mau gôsto que as tem invadido» (1), à qual a ilustre Conferente se referiu.

Façamos guerra às flores de trapo e de papel, aos naperons e outros enfeites pouco litúrgicos; mostremos como ficam mais bonitas nos altares as flores verdadeiras, e até, à falta destas, ramos de verdura fresca.

Procuremos também substituir as rendas largas por toalhas litúrgicas, descendo até ao fundo do altar (dos lados).

Enfim, durante as férias, aproveitemos as ocasiões que se nos depararem de dar um bom conselho para a ornamentação dos templos, ou de nós mesmas darmos um *jeitinho* às igrejas.

Simplicidade, dignidade, espiritualidade — são condições essenciais da *Arte* sacra, seja embora no modesto arranjo dum altar...

MARIA JOANA MENDES LEAL

(1) Boletim mensal da Junta da Diocese de Madrid.

Um aspecto da 1.ª Exposição de Arte Sacra Moderna

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

A Viagem

TINHAM passado 12 anos de vida feliz para a minha Avó. Feliz quanto é possível ser a vida humana. Dias cheios de alegria e de felicidade, dias de angústia e de dôr, mas amparados sempre pelo afecto e o carinho do marido e pelo amor dos filhos.

Dias alegres e de festa o do nascimento dos seus quatro filhos, três rapazes e uma menina. De dôr, aqueles em que perdera um filho ao nascer e outro com pouco menos de um ano. Dias de angústia e saüdade, os dois anos que estivera separada do marido.

Meu avô, por morte da mãe, veio à Europa para receber a herança e pôr em ordem os seus negócios aqui, e, como minha avó esperava o sexto filho, resolveram que ficaria em Dolores, visto serem tão difíceis as viagens.

Meu avô aproveitou a sua vinda a Portugal para visitar as principais cidades da Europa e como as viagens eram demoradas, e à volta teve um naufrágio que muito atrazou o seu regresso, em vez de um ano como contavam, foram dois anos, em que a separação lhe causou angústias e sustos a que atribuiu sempre a morte da criança que nasceu na ausência do marido.

Mas que alegria não foi a sua chegada e como ela lembrava ainda a sua satisfafação quando êle, abraçando-a, lhe disse:

— Liquidei tôdas as minhas coisas em Portugal, conheci a Europa e agora viveremos aqui sempre para criar os nossos filhos no teu país, que é também o meu e a que tanto queres.

O susto que lhe causava sempre a idéia que o marido resolvesse voltar para o seu país deixou de a apoquentar e decorreu um ano de perfeita e funda alegria, em que Deus, abençoando o seu lar, lhe deu mais um filhinho.

Tinha o pequenino dois meses quando meu avô adoeceu gravemente. Ela não esquecia êsses dias de aflição; quando o doente pôde fazer viagem, resolveu ir a Buenos Ayres consultar uma sumidade médica daquêles tempos.

Novos dias de espera e de angústia, e quando meu avô voltou caíu sôbre a sua cabeça a temida sentença, que lhe havia de torturar o coração, desenraízando-a da sua terra Natal, levando-a para um país tão distante e tão diferente do seu!

O médico dissera que a péssima água estava causando sérios estragos na saúde de meu avô e que continuando na Argentina duraria o máximo de dois anos e que vindo para Portugal poderia viver pelo menos doze anos, se outro mal o não atacasse.

Em vista desta opinião, resolveram par-

NÃO ESQUEÇAS

- *Que as férias são para refazer as fôrças. As noitadas são prejudiciais à saúde. Reserva-te pelo menos 8 a 9 horas de descanso.*
- *Que o domingo é o dia do Senhor. A assistência à missa é um dever grave, e para ti, rapariga cristã, um doce dever!*
- *Que embora as férias sejam para repousar, não deves passá-las inteiramente na preguiça e dissipação.*
- *Que os exercícios físicos devem fazer parte do teu programa de férias. Mas não exageres com prejuízo de saúde!*
- *Que certos costumes incorrectos não se justificam com o exemplo das outras... O teu próprio pudor e o sentimento moral é que fazem lei.*
- *Que a leitura, mesmo em férias, não deve ser apenas um passatempo. Leva contigo um bom livro que possa contribuir para a tua formação moral e intelectual.*

tir o mais breve possível. Fez-se a venda da casa que ela sempre tinha conhecido e onde vivera com os seus; o que o seu coração sentiu é difícil de dizer. Meu avô liquidou todos os seus negócios em Dolores e partiu para Buenos Aires para preparar a viagem e logo que tudo estivesse em ordem minha avó seguiria com as crianças e seus dois sobrinhos, uma menina de dez anos que a acompanharia sempre e um rapaz de catorze que ficaria em Buenos Aires com sua tia Romana.

Os mais velhos eram êste pequeno e o seu primeiro filho que tinha onze anos. O pequenino tinha três meses; mas a sua coragem não esmoreceu; ao ver-se rodeada de crianças adquiriu novas fôrças e energia, e, recalcando no fundo do coração o grande desgôsto, tudo organizou, e quando o marido lhe mandou dizer para partir, oito dias depois estavam a caminho na mala posta.

O que foi de tormentosa essa viagem de três dias, duma senhora com criada e sete crianças, pois o seu sobrinho não podia ser considerado um homem, é incalculável para nós que estamos habituadas a todas as facilidades de viajar. A criada, em vez de ser uma auxiliar, foi um elemento de desordem; a cada solavanco do carro, dava gritos que aterrorizavam as crianças.

No segundo dia foram apanhados por uma daquelas célebres trovoadas, que naquele clima se desencadeiam com uma violência rara no nosso país.

Quando chegaram à estalagem da muda de cavalos, minha avó ia estafada de levar a criancinha nos braços e os outros pequenos todos agarrados a ela. Marcelino, forte, ajudava-a levando Isabelinha ao colo. A criada caída no fundo do carro chorava e rezava. Nessa noite, pensando o que seria o dia seguinte, não conseguiu dormir e com razão: o coração adivinhava-lhe que a viagem não terminaria sem maiores trabalhos.

Próximo de Buenos Aires, tudo sereno, um dia lindo, as crianças habituadas ao carro iam admirando a paisagem, quando de repente um enorme solavanco precipitou-as tôdas umas sôbre as outras e um grande grito se ouviu.

Uma das rodas separara-se e rodava sozinha, e o carro, que ia a tôda a velocidade puxado a três parelhas, voltara-se, tendo ficado Marcelino, o sobrinho de minha avó, com um braço partido porque o levava fora da janela, e fôra êle quem soltara o lacinante grito.

A balbúrdia foi medonha mas ninguém mais recebeu ferimentos; minha avó rasgando as fraldas do pequenino conseguiu com uma tabuazinha fazer uma espécie de aparelho para o braço do pequeno, e ali ficaram sentados à sombra do carro caído esperando a carruagem que um homem galopando a tôda a brida foi buscar à cidade que já não estava longe.

Mas à chegada não houve meio de fazer subir a criada e as crianças que tinham tomado mêdo àquêle meio de viajar.

Quando chegaram a Buenos Aires e minha avó se viu instalada em casa de sua irmã e amparada pelo marido pareceu-lhe um sonho, ela que durante as últimas semanas e nos últimos três dias tinha feito um tão grande gasto de energia.

Os dois meses que ficaram em Buenos Aires passaram num instante para minha avó que via aproximar o dia da separação dos seus e do seu país.

Foi com o coração apertado que ela embarcou. A viagem, a não ser o enjôo das crianças e o trabalho que davam, trabalho em que era ajudada pelo marido e pela sobrinha (que tão novinha demonstrava já que seria uma mulher dum bom senso e dum carácter de extrema bondade), pois a criada, que tão inútil se mostrara na viagem por terra, ficou em Buenos Aires.

Interessante a viagem para todos menos para ela que nem na Madeira pôde desembarcar porque ficou a bordo com os mais pequeninos, enquanto o marido foi a terra com os mais velhos. Mas lembrava sempre os barcos cheios de flores rodeando o navio e a beleza do panorama do Funchal trepando pela montanha em forma de trapézio.

Ao chegar a Lisboa sentiu-se completamente deslocada e a cidade antiga não a encantava, habituada às modernas cidades do seu país com ruas largas em esquadria.

E a aclimatação foi muito difícil. Só se sentiu feliz quando se instalou na quinta das Conchas, onde hoje estão as instalações da *Tobis* e que era então considerada um longínqüo subúrbio. Ali, na sua casa, que lhe pertencia, com o seu jardim cheio de flores, a sua horta, a sua capoeira, cavalos, tudo aquilo que deixara lá tão longe, sentiu renascer para a vida a sua energia.

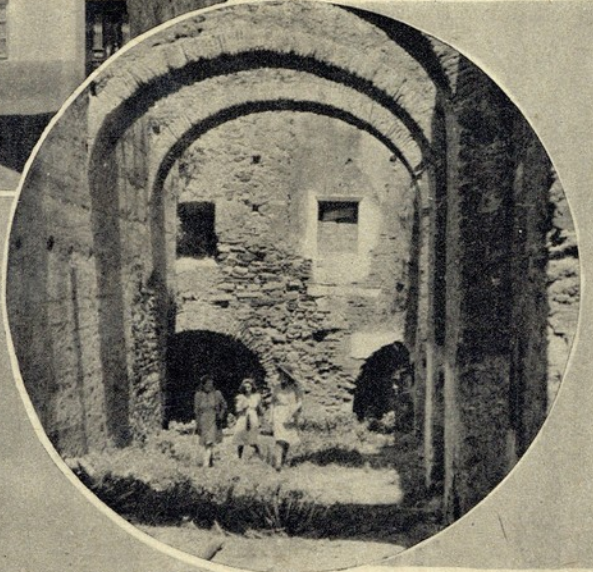
E quando ali nasceu a sua última filha, que foi minha mãe, ela sentiu que o país de seu marido se tornara também o seu. E ali foi feliz dôze anos, o tempo predito pela sumidade médica de Buenos Aries. No ano em que se prefazia êsse período de tempo, faleceu meu avô.

O seu desgôsto foi imenso. Não era sòmente o homem que tinha sido o único amor da sua vida que desaparecia, era também o seu companheiro, que conhecia e amava o seu país e com quem falava dos seus e dos seus amigos, que os filhos na inconsciência de crianças tinham esquecido.

Nunca o esqueceu, nem à pátria querida, e quando se aproximava o fim da sua vida com 87 anos, rodeada de filhos e netos, dizia ainda, com o seu lindo sorriso mostrando todos os dentes que conservara «Ainda espero voltar ao meu país.» Sonho irrealizável, embalado pelo carinho dos seus que sempre a acompanhou.

FIM

MARIA D'EÇA

Évora — Templo de Diana

O Passeio das Graduadas

LISBOA desaparece na distância, afogada em Sol, num Sol pesado e escurecido pelo Céu, manchado de nuvens. Perdem-se na lonjura breve que nos separa da terra, as notas brancas dos lenços que para lá ficaram a acenar, a acenar, a outros lenços que aqui vão...

E o nosso passeio começa!...

Aprender a ver com os olhos do corpo e os da alma bem até ao fundo das coisas que se nos depararem, ganhar bem êstes dias de vida comum, é o nosso desejo, o desejo de tôdas nós, Graduadas da Mocidade, a caminho ao Alentejo. Évora e Vila Viçosa — é o programa.

O barco corta de vagar a água enturvada do Tejo, cruza-se com outros que passam e segue, a afastar-nos sempre da cidade, enroscada ao fundo, escura e sombreada.

E, pouco depois, troca-se o barco pelo combóio; entramos numa carruagem reservada, onde nos espalhamos enchendo os compartimentos, arrumando as malas, atravessando o corredor a procurar coisas ou companheiras que ficaram para trás.

Depois, aos poucos vai-se fazendo a calma, uma calma formada de mil sons, de risos, de cantigas, de alegria.

Em cada compartimento há um ambiente diverso: aqui canta-se e dança-se, ali conversa-se, mais além lê-se e cabeceia-se ao matraquear mole do combóio.

No corredor, à janela, os nossos olhos seguem a paisagem de árvores enormes, sempre igual, sempre rasa, numa extensão imensa.

Pinhal Novo. Fonte. Casa Branca.

O Sol escondeu-se, ao longe, por sôbre o verde escuro dos eucaliptos, rentinho ao chão do campo plano, e a terra embebe-se agora duma côr cinzenta, modorrenta, baça.

E o combóio continua a galgar quilómetros, a entrar lentamente na noite, uma noite clara, luarenta, que rasa de luz as copas das árvores e as casas caiadas.

Aos poucos as janelas vão ficando desertas e o corredor mais sossegado. Mas, dentro dos compartimentos fechados, a vida continua. Jogos de prendas, de provérbios, «danças» regionais... E, de quando em quando, gargalhadas perdidas entre o ruído forte das rodas de ferro.

Finalmente Évora, pela meia noite e meia hora — Évora, a cidade relíquia do nosso Alentejo, a cidade calma e branca acolhida entre mosteiros e muralhas.

O Hotel Alentejano para onde nos dirigimos, recebe-nos com um cheiro bom de madressilva e um ambiente calmo que nos agrada.

Depois, distribuídas pelo quartos em grupos numerosos, o primeiro dia acaba, em sossêgo, em sonhos para o dia seguinte, em recordações dêste dia já passado.

No sábado começámos cêdo a nossa visita à cidade. Tomado o primeiro almôço, saímos, a alastrar pelas ruas sossegadas o nosso grupo alegre.

O Convento de Santa Clara é o começo e enquanto o senhor que nos acompanha vai explicando tudo, solícito e claro, os nossos olhos perdem-se na beleza dos quadros e dos tetos na imaginação do que teria sido aquilo, aquela vida, aquela casa.

Évora encanta-nos com a sua beleza recatada de jóia querida que se não quere destruir, que se não deixa sequer falsificar, com introduções ou reparações descabidas.

Casas amplas, muito brancas, com a fachada enfeitada a pedra clara, arcadas e fontes antigas, igrejas magestosas, tudo nos deixa presas admiradas, como se de repente tivésemos voltado ao passado.

A Igreja de S. Francisco com a Capela dos ossos é tôda a História da Inquisição a passar diante dos nossos olhos cansados e tristes daquela luz mortiça que envolve o próprio altar duma beleza estranha, chocante.

As próprias ruas com os seus recantos magníficos e varandas rendilhadas, são outros tantos monumentos que nos não descrevem mas que a gente vê e deixa a alma sentir e entender.

Mais Igrejas e ruas com História e, depois, o Jardim Público, cercado pelas muralhas da cidade, edificado ainda sôbre elas, com o seu belo palácio — que um incêndio salvou do ridículo e do crime de o terem «remendado» com um estilo que não era o seu — quási reconstruído, inteligentemente reconstruído, com as suas «falsas ruínas» e os lagos e as árvores e os recantos verdes...

Em volta, a paisagem é igual de cada ponto que se olhe; sempre campos abertos, longos, casas antigas e o Céu lá muito longe, a esbater-se, junto à terra, sem recortes nítidos.

O Liceu — antiga Universidade — é o grande ponto de remate, da manhã. Escadarias brancas e largas, colunas, arcadas, e o jardim, a meio, rodeado de todo o edifício.

Em seguida vamos almoçar e, depois de três quartos de hora de descanço, saímos novamente, a acabar a nossa visita à cidade.

Primeiro o Museu, recheado de coisas belas. E à saída, pelas ruas, ainda vimos a recordar as esculturas: aquele maravilhoso Bernardim Ribeiro, duma beleza tão viva tão suave, e o bustozinho do rapaz — «Tristeza», se chama êle — duma perfeição incomparável, duma expressão tão verdadeira, que se torna quási palpável a mágoa que vinca as feições delicadas do garôto.

Tudo mais que vimos no Museu parece que se esbate diante daquela sala de escultura. Serão melhores ou piores do que as outras obras? Que poderão dizer os nossos conhecimentos? O que sabemos é que as sentimos melhor!

Depois a Sé, com o seu tesouro magnífico, a capela das relíquias, tôda a sua beleza magestosa, deminuída um pouco pela mistura de estilos e pelo arranjo das paredes e colunas; o Templo de Diana, ruínas que falam de vida, de civilizações que ficam para trás, que nos não tocam.

A Igreja dos Lóios vê-se ainda, já bastante cansadas e, finalmente, volta-se ao hotel com muito tempo para descansar antes da refeição.

Depois, a noite, até à hora de deitar, passa-se entre jogos e danças, numa alegria gritante e viva.

E o domingo desperta-nos bem dispostas.

Depois do primeiro almôço e da missa ouvida na Sé, partimos em camioneta e automóveis, para o nosso passeio a Vila Viçosa.

No caminho canta-se — bastante desafinado que as vozes estão roucas e atrás não se consegue ouvir nada do que se canta à frente.

Nos campos, os trabalhadores respondiam ao adeus que as nossas mãos lhes faziam, em acenos largos, contínuos.

A princípio, o panorama cansava de tão igual, quási sem beleza, só campos estendidos, amarelos, a perder de vista.

Depois, à entrada da serra, os montes vieram pôr notas diferentes na sinfonia igual das côres alentejanas e, de onde em onde, passou a ver-se hortejos pequenos e vinhedos resguardados nos vales, a verdejar por entre o trigo louro, ondulante e leve.

Em quási tôda a parte já fôra feita a ceifa e as medas elevam-se brilhantes, altas, numa promessa de pão e de fartura.

E as casinhas brancas dos povoados a ladear a estrada, alegravam mais a côr alindada da Serra do Alentejo.

Vila Viçosa surgiu enfim, com o seu Castelo, lá no cimo.

Primeiro a visita à Igreja, tôda num estilo, bonita, agradável, e, depois, o Castelo, grande, bem lançado, com a sua tôrre de menagem.

Depois do almôço, fomos visitar o palácio. Que grandeza de salas, de móveis, de adornos, e, ao mesmo tempo, que simplicidade. Os quartos, as salas, os quadros, retratos, tudo nos fazia lembrar, recordar mil coisas que sabemos das vidas que eram a vida daquela casa, morta agora por vazia.

Berços, prendas, trabalhos, retalhos de alma, mil nadas que são tudo!...

Saímos, finalmente, depois de muito tempo passado a percorrer salas e salas, em deslumbramento para os olhos e para a alma.

Cá fora, na praça — o Terreiro do Paço — uma estátua equestre de D. João IV.

Visitámos ainda o Panteão dos Duques e o das Duquesas — actual seminário — e finalmente partimos, agora pela estrada que passa por Arraiolos.

Em Borba fomos obrigadas a parar. Cinco Lusitas, com as suas fardas e as suas carinhas tímidas e engraçadas, vinham cumprimentar a Senhora D. Alice Guardiola que nos acompanhava. Ficámos uns momentos a ver a Igreja e a falar-lhes e depois seguimos rápidas que o tempo corria veloz.

Junto ao Castelo de Extremós, abrandou-se um pouco a marcha, a contemplá-lo, inundado de luz, imponente, bonito.

E, depois, foi a mesma paisagem de sempre; a serra primeiro, e as planícies depois, já perto de Évora.

Depois de jantar, repetiram-se as danças, brincou-se e, finalmente fomos para os quartos, a passar nêles a nossa última noite alentejana.

Para findar, visitámos ao outro dia, pela manhã, a quinta de Santo António onde todos os anos costuma funcionar uma Colónia de Férias da M. P. F.

A quinta, a casa, a capela, tudo nos fez entrever a beleza, a felicidade daqueles dias passados ali, em conjunto, num ambiente são, de gente sã, para tornar puras as almas e fortes os corpos.

Tiraram-se retratos, muitos retratos e voltou-se para casa, de regresso do nosso último passeio no Alentejo.

A tarde estava destinada para compra de lembranças a trazer à família e a guardar como recordação do passeio da VII Escola de Graduadas de Lisboa.

Voltámos no combóio das 6 e 30 da tarde, com saüdades umas das outras, saüdades daqueles dias e daquelas casas brancas e antigas de Évora, aninhadas na planície imensa a que se não vê o fim.

E, agora, de regresso a nossas casas e aos nossos trabalhos, temos apenas um «Muito Obrigadas» sincero e o desejo de saber, de poder agradecer melhor, servindo sempre.

Maria Idália Gomes Correia
Graduada da M. P. F.

Évora — Igreja de S. Francisco

Évora — Um recanto da cidade

Vila Viçosa — Pateo interior do Castelo

Fotos das graduadas

Évora — No Terraço da Sé

O Lar

FOGÕES E LAREIRAS

«Oh! meu Deus! que falta de a propósito... vir em Julho falar de fogões! Calor, dá-nos, neste mês, o Sol». Estou a ouvir esta exclamação acertada... mas não tanto como se julga... Porque é justamente antes do frio que se pensa nos fogões. Não façamos como para as trovoadas! «Só se resa a Santa Barbara quando começa a trovejar», diz o povo, acertadamente. Não nos queixemos do frio quando começa a cair a neve... O nosso clima mudou, já não se pode dizer despreocupadamente, como antigamente: «O Inverno passa depressa, qualquer brazeira chega para amenizar a temperatura de um quatro». Não, agora temos que pensar como os outros povos da Europa e prepararmo-nos para o frio. Juntar, podendo, lenha e «cobres» para que o fogão ou lareira não se apague e seja o centro amigável e quente do nosso lar.

Sei muito bem que nem todos os podem ter ou pensar em mandar construir.

Numa casa de andares é quási impossível; mas quantas moradias na província e em cidades, independentes e espaçosas, se orgulham de vários luxos inúteis, e nem sequer pensam em ter a maior comodidade e ponto de reünião familiar que pode haver: um fogão de sala ou uma lareira! — Quem consegue trabalhar intelectualmente com frio, escrever com os dedos gelados a segurarem mal uma caneta feita de neve? Quem pode sequer pensar, a não ser na tristeza de não ter com que se aquecer?

Dizia o grande inventor Edison a Emil Ludwig, o escritor: «Ás boas idéias vêem-me todas com calor. Não posso inventar coisa alguma com frio. Ás vezes as idéias caiem-me, por assim dizer, direitas pela chaminé abaixo, quando me estou a aquecer ao fogão».

— Não, não tenham ilusões, essas idéias fecundas e bôas que vinham brilhar nas chamas do lar do grande sábio, não eram só produzidas pelo calor, mas também pela luz intima, doce e bruxuleante que a lenha a arder produz.

Dizem que uma lareira faz companhia, e é verdade. A chama é alegre e, como tudo que tem vida, ou parece ter, muda constantemente. Entretem, ocupa, e ao mesmo tempo deixa pensar, meditar e sonhar... Que bom nas noites de invernia, ter êsse «centro» quente e docemente luminoso, onde nos refugiarmos e que nos dê a impressão de segurança e confôrto que só êsse lume trás...

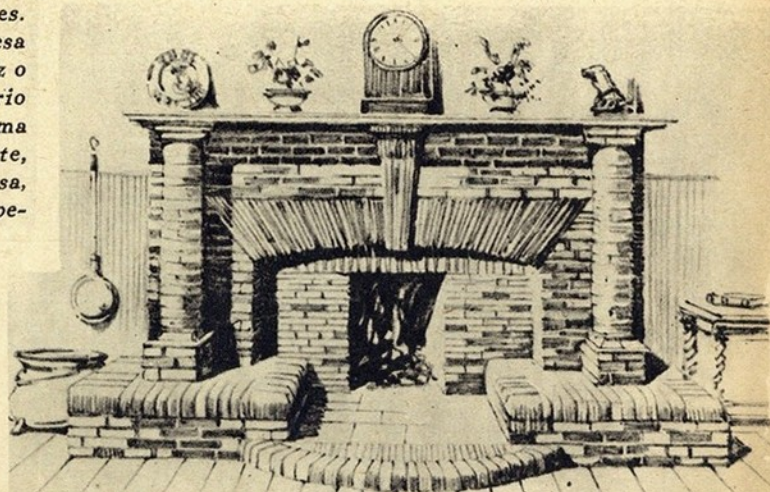
. . . .

Grandes fogões e lareiras dos antigos castelos e conventos! Tão grandes e acolhedores que se julgava quererem aquecer uma comunidade ou uma «mesnada» inteira.

Tão elegantes de desenho e tão sólidos de aspecto que pareciam personificar a fôrça e o poderio de essas instituïções seculares!

* * *

Lareiras de casas pobres ou fogões brazonados, todos representam sempre a mesma preocupação e pensamento: dar calor, confôrto e consolação.

FRANCISCA DE ASSIS

OUVINDO CANTAR AS ESTRÊLAS...

*«Ouvir estrêlas, ora (direis), certo
Perdestes o senso...»*

FAÇO tuas, leitora amiga, as palavras de Bilac. Ouvir estrêlas e estrêlas que cantam?!... Serão as do cinema ou da rádio?

Não, leitora amiga, deixemos essas na cidade e vamos gozar as férias no nosso cantinho perdido da serra, bem junto da irmã natureza, onde as fôlhas riem, e o pinhal suspira, e o regato murmura e as estrêlas cantam.

E, ouvindo-as cantar, quantas coisas não podemos aprender! Que a vida é uma contínua escola e dessa só teremos férias uma vez. Aprendida a última lição, voltada a última página dêsse livro profundo ou banal, (como o quizermos), que escrevemos a aprender, começarão as férias sem fim...

Mas, até lá, vamos aprendendo da vida a lição de cada hora, essa lição para a qual não há férias.

Noites da nossa aldeia, grande livro do universo, aberto para todos os que nêle sabem ler, em que as letras são de fogo, em que cada letra é luz.

*A cartilha de Jesus
Era de estrêlas a arder;
Escreveu-a Deus com elas,
P'ra o Menino saber ler!*

Tem razão a cantiga, que no livro do céu, as estrêlas são letras de luz. Êsse livro não o deixamos nunca, e nas férias, até parece que o temos mais perto de nós.

Vai-se o dia na nossa aldeia, de mansinho, como alguém que se afasta, pé ante pé, dum menino adormecido. Morre ao longo a canção com que a tarde embalou o sol. Os sinos, os grilos, os cães, o concêrto da noitinha, as vozes amigas do crepúsculo vão-se calando uma a uma.

E começa, então, o canto da noite, a sinfonia das estrêlas, sonora, magistral, profunda como a imensidão povoada de notas a vibrar, dóceis ao gesto do único Maestro capaz de reger estrêlas...

Na partitura da escuridão iluminada, há grupos e há solos. A via láctea, poeira de luz, tamisada pela distância, é um côro em surdina, a fazer fundo a outras vozes mais intensas. De tempos a tempos, tudo queda, tudo recua, para que seja ouvida, límpida e cheia, a voz duma solista que rasga o espaço, [ou será a batuta do Maestro divino...], para se perder, instantes depois, na harmonia imensa da noite constelada.

E ficamos assim, a ouvir, a ouvir... É a meditação da noite, os minutos de seriedade, o *adágio* da vida após o riso e a brincadeira alegre á luz do sol.

Sorris, leitora amiga, e não acreditas que se possam ouvir as estrêlas?... Mas, eu te digo, como Bilac no seu soneto:

*«...Amai para entendê-las,
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrêlas.»*

O canto das estrêlas ouve-se com a inteligência, e, ainda mais, com o coração.

Ama a natureza, ama o seu Autor, ama a humanidade. Porque então, não só as estrêlas cantarão para ti, mas a tua mesma vida será uma canção a reforçar as estrêlas. E não é isso que deve ser a nossa vida: a nota justa, afinada, no grande concêrto universal da criação?

Considera como é grande o firmamento: cada estrêla é um sol; separam-nas biliões de léguas. Muitas há, cuja luz ainda não teve tempo de chegar à terra. E bem sabes como corre veloz... Tôda a beleza do céu está na ordem com que cada uma obedece à lei universal. Se se revoltasse um único dêsses átomos gigantes, seria o caos.

Assim, a beleza da nossa vida está precisamente na docilidade à lei divina gravada em nós, no esfôrço para nos mantermos no nosso lugar, valorizando-nos, não pela ambição de sermos uma estrêla de primeira grandeza, mas para cantarmos bem, e ampliarmos, com voz pequenina, embora, o hino de louvor com que a criação glorifica o Senhor. "Os céus narram a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos."

Que importa ser a Sírio, a Estrêla d'Alva, ou um diamante da cinta de Orião, o cavaleiro dos espaços! Que importa mesmo que a nossa luz nunca chegue à terra, se soubermos cumprir a nossa missão, alegremente, olhos no alto... O que importa é que não desafinemos e que sejamos a luz que não se apagará. Luz que não deslumbra, mas que guia seguramente os nossos próprios passos, e aquêles que, mesmo sem o sabermos, vão seguindo as nossas pegadas.

Ouvindo cantar as estrêlas e considerando a vastidão do espaço sideral, compreendemos melhor a nossa pequenez e a nossa grandeza. Pequenez, no meio da criação imensa, em que não somos senão um ponto imperceptível como um micróbio; grandeza de sêres racionais, almas destinadas a subsistir, quando sossobrarem todos êsses sóis que nos deslumbram nas noites cintilantes.

Que mais nos dizem as estrêlas? Ensinam-nos a sermos grandes de coração, na nossa pequenez de criatura: dóceis, bondosas, alegres, estrelinhas que cantam e que, modestamente, também iluminam o céu de outras vidas.

Saibamos cantar, como as estrêlas, o grandioso canto da criação, no lugar em que Deus nos colocou.

Leitora amiga, nas escuras e fulgentes noites da tua aldeia, olha o céu e pensa, sonha... Sonhos bons, que te elevem, nobilitem, fortaleçam.

Busca nêsse tesouro fantástico, incomparàvelmente mais belo que os dos mais belos contos da tua infância, a riqueza de que na cidade dificilmente poderás gozar.

E, no silêncio da noite, as estrêlas te ensinarão a entoar no teu coração um canto suavíssimo, canto de quem se humilha enternecida perante a magnificência do Criador, de quem louva e agradece, de quem busca a harmonia em si mesma e em todos os seres, canto que será a tua íntima alegria e que há de perdurar para sempre, mesmo quando as estrêlas, um dia, deixarem de cantar...

MARIA MONARDA

MARAVILHAS DO MAR

Quando vão ao cinema poucas pessoas gostam das primeiras fitas desenroladas no écran: os documentários. Como já sou velha, aprecio-os muito, pois já não me interessam os amores cinéfilos, nem sei o nome das estrêlas femininas, nem dos planetas masculinos.

Vi há tempos uma dessas fitas que achei linda: representava o fundo do mar. Que quadros maravilhosos! Que vida se oculta no fundo do Oceano!

Flôres e arbustos de côres e feitios fantásticos, e peixes, uns monstruosos, parecendo fantasmas, outros lindos e delicados como jóias de filigrana, povoam o submar; não esquecendo os coraes, semelhantes a rendas de rubis, os zoófitos e anémonas, entes que são a transição do reino vegetal para o reino animal.

Realmente, ao contemplar tal quadro, parece-nos que fomos transportados ao país das fadas. E, nossa alma, num brado de fé e de amor, exclama:

«Como é grande e sábio o Creador, que até no fundo do mar prodigalizou tantos tesouros e tantas belezas!»

Lembrei-me dêste assunto, porque agora, é o tempo das praias, e passam-se horas e horas deante dêsse mar que é o prolongamento do nosso pequeno Portugal, e que, mais do que de ninguém, é *nosso; nosso* porque descobrimos as suas praias desconhecidas, *nosso* porque as caravelas altivas que domaram as suas ondas encapeladas eram Portuguesas, *nosso* porque êsse oceano é a estrada real que liga o Império à Mãe Pátria.

Estamos fartos de ouvir clamar contra os trages, as atitudes, o ambiente pagão que desonram as nossas praias. Infelizmente pouco se consegue.

Quando lá estivermos, visto não podermos reformar o mundo, olhemos para o mar que nos fala de Deus, contemplemos o que êle encerra de belo.

Não temos ainda a televisão submarina, não podemos descortinar o que se agita nos abismos, mas como rico generoso, o velho Pai Oceano deixa cair na areia alguns dos seus tesoiros.

As algas que a maré baixa descobre aos nossos olhos, que rendas finíssimas elas são! Existe até uma lenda (em Peniche talvez, não me lembro bem a terra) de que as algas serviram de modêlo para as rendas artísticas confeccionadas pelas mãos das pescadoras. Assim o diz a lenda...

E as *conchinhas* tão lindas, tão delicadas, há-as côr de rosa, brancas, algumas em forma de leques! Não é preciso que vamos, como dantes, fazer com elas caixas e quadros, em geral poucos artísticos, mas admiremo-las como pequeninas obras do Grande Artista, que nos ensina a pôr perfeição e arte até nas mais insignificantes obras que saiem das nossas mãos.

Os búzios, de feitios e tamanhos inúmeros, também são muito bonitos e dignos dos nossos olhares.

O ano passado vi meninas novas fazerem colares de búzios para se enfeitarem e ficava bem nos pescoços juvenis êste simples ornamento:

Conheceis com certeza aquêles búzios grandes, que guardam dentro dêles a voz potente do mar. Ouvimos neles as ondas a marulharem! Se pudessemos escutar os corações, quantos dêles encerram ecos de longíquas tempestades, cantares de alegrias e de lágrimas!

Dentro de nós vive o mar infinito do nosso passado. Só Deus vê no abismo da nossa alma; não queiramos que Êle lá encontre monstros horrendos, mas sim maravilhas de beleza; as *pérolas* estão escondidas no fundo do oceano: guardemos preciosamente em nós as pérolas de pensamentos puros, inteligentes, e generosos.

V. P.

À TUA PASSAGEM...

O sulco — Foto: MANUEL E. BOSSIR

A passagem de certas almas pelo mundo, deixa marcado um sulco profundo, como o arado que ao passar rasga a terra.

O sulco aberto pelo arado é fecundo porque é capaz de produzir: a semente que cai na terra lavrada chega a dar cem por um!

Será, também assim abençoado, o nosso lavrar?!

Será um sulco para sementeira o que abrimos, ou apenas um rêgo sem profundidade que riscamos à nossa passagem?!

. . . .

Nas tuas férias, sê como o arado que lavra a terra.

E' talvez daninho o campo! Grande o esfôrço que te pede. Mas tem coragem e confiança! Lavra e semeia.

No sulco aberto pelo teu próprio coração, semeia o amor, a verdade e o bem!

Pouco importa que não colhas, na tua passagem breve, os frutos da sementeira, se êles vierem a ser fartura e alegria para outros!

Deixa, por onde passares nas férias, um sulco indelevel e luminoso: a marca da tua vida cristã!

Sê boa, alegre, pura, generosa — semeadora de ideal!

GENTE NOVA

II

O grande Studebaker das Paes, um pouco antiquado mas sôlido e confortável parara à porta da casa antiga e vasta, onde habitava o general com a família. Compunha-se ela do velho militar, já viúvo havia anos, da sua filha Manuela, casada com um engenheiro de minas, inteligente e rico, e dos seus três filhos: Cecília, Francisca Tereza e Manuel, estudante do liceu.

Cecília, já com vinte e dois anos, casara aos dezoito com um oficial da aviação. Tivera, porém, a desgraça de o perder num desastre do seu avião, despenhado inexplicàvelmente em pleno mar... Ficara-lhe, como é natural, uma profunda tristeza na alma; e só a consolava um pouco o amor pela sua filha de dois anos, Maria do Céu. Cecília com a sua filhinha habitavam a mesma casa, mas no 3.º andar, em relativa independndêcia.

O general vivia, pois, rodeado de filhos, netos e a adorada bisnetinha, cujo encanto fazia a alegria da família tôda. Todos os dias a pequenina vinha para o jardim do Vô, como ela dizia; e ali passava as horas da sua vida, entre os sonos prolongados e as refeições apropriadas aos seus três anos. A existência de Cecília tôda se consagrara àquela creança: na filha concentrara o amor que tinha ao marido e a saudade que lhe ficara dêle.

Francisca Terêsa tinha um temperamento alegre e grave ao mesmo tempo. Tudo lhe parecia bom na vida; e a intensidade do seu sentir era por vezes exagerada, aplicada às coisas mais insignificantes.

— Porque tomas tudo a peito, Tété? — dizia-lhe a mãi, vendo-a afligir-se por um nada, regosijar-se por outro nada — Vê as coisas com mais calma, minha filha; assim esgotas-te.

—Então a Mãi julga que a Tété muda de feitio, velha como já é? — perguntou um dia Manuel, com a impertinência dos seus dezaseis anos. — Até há um ditado que diz:

Burro velho não aprende línguas.

— Doido! — exclamou Francisca Tereza levando o caso a rir — Nem sequer vem a propósito o teu ditado — acrescentou.

A busina do Studebaker repetia agora as suas chamadas na rua; e como Cecília já descera devagarinho, dando a mão a Maria do Céu, Francisca Tereza beijou a mãi e saiu a correr pela escada abaixo.

— Eu afinal podia ir com vocês — gritou Manuel no patamar — e como não tenho aula à tarde era bestial marchar por aí fora!

— Você não foi convidado — respondeu a irmã — mas eu posso pedir à Domingas; quer?

— Peço eu; e como vai a Chucha, que me adora, toca p'ra baixo — e Manuel, escorregando sôbre o corrimão chegou num instante ao pé do carro.

— Viva, Domingas, olá, Chucha, dão-me uma boleia?

— Pudera! Encaixa-te como puderes, Manuel.

A alegre caravana partiu; e os risos eram tantos que o velho chauffeur José Vicente, apesar da sua gravidade habitual, estampada na cara còrada sob o cabelo branco de neve, não podia deixar de rir com as observações engraçadas de uns e outros.

— Não vá depressa demais, peço-lhe, José Vicente — disse Cecília, que se sentara no lugar da frente, com Maria do Céu ao colo.

— Lá está a mana com mêdo do acelerador — disse Manuel — Zé Vicente, você lembre-se de que é surdo do ouvido direito!

O dia estava lindo! E por todo o caminho de Bemfica as rosas e as glicínias cobriam os muros e os gradeamentos das quintas.

— Tété, começaste já a fungar com o cheiro das flores? — perguntou Domingas, troçando.

Francisca Tereza, radiante, aspirava o ar com prazer.

— Uma das minhas delícias, é cheirar!

— Você fala como se vivesse sempre no meio de rosas; mas quando passa por canos abertos, ou canastras de peixe pôdre, ou...

— Oh Manuel, que horror! — gritou a irmã — nêsses sítios não fungo: encolho o olfacto e passo sem cheirar nada.

Maria do Céu adormecera no colo da mãi. E Cecília, pensativa, perguntou:

— Porque se lembraram vocês de ir visitar a tal creche? Conhecem lá alguém? Deixar-nos-ão entrar, assim, sem mais nem menos?

Domingas respondeu:

— Ouvi dizer que está sempre aberta, menos aos domingos; e que os donos até gostam que se vá lá.

— Dá-se alguma esmola? — tornou Cecília.

— Qual! — gritou Domingas — livrem-se de tal!

É uma gente que fez aquela obra por amor à petizada pobre; e não aceitam sequer um 5 reis partido ao meio: uma espécie de telha, afinal.

O carro entrava agora na antiga Porcalhota, entre casebres pobres, com suas parreiras sôbre as portas, muros baixinhos, craveiros floridos. E, logo a seguir, as ruas largas da Amadora, já com casas modernas e lojas de boa aparência, uma leitaria de mármores vistosos, um alegre jardim público cheio de roseiras floridas.

De repente, porém, o carro deu um pulo e parou.

— O que foi, José Vicente? — perguntou Domingas.

O velho coçou a cabeça e desceu a espreitar o rodado trazeiro; tôdas desceram também.

— Um prego, ou coisa que o valha, furou um dos pneus. Tão certo como eu ser José Vicente — resmungou o velhote.

— E quanto tempo vamos ficar aqui? — perguntou Francisca Tereza — talvez valha a pena ir para aquêle jardim.

— Jadim! Jadim! — gritou Maria do Céu, correndo, alegre, para as rosinhas de toucar que cobriam um caramanchão do jardim público.

Mas o pneu depressa foi substituído pelo chauffeur, ajudado por Manuel; e o carro meteu pela estrada entre campos férteis e verdejantes.

Quando chegaram à ponte de Carenque, deixaram a estrada de Queluz à esquerda; e passando um arco vetusto, quási um túnel, entraram num caminho pitoresco, onde algumas árvores, talvez centenárias, haviam resistido à fúria devastadora do ciclone... dos arboricidas. Na verdade era pitoresco o caminho, com riachos pedregosos onde lavadeiras batiam roupa, pequenas hortas separadas por renques de alfaces, casitas caiadas aqui e além...

E, poucos minutos depois, passada a grande subida que os levou ao Pendão, deixando para traz a varzea bem cultivada na qual se erguiam, de onde a onde, arcos do Aqueducto das Aguas Livres, entraram na velha estrada de Belas.

— Que esplêndidas árvores à nossa esquerda! — exclamou Cecília — que quinta será esta?

— A antiga quinta do Senhor da Serra — informou José Vicente.

— São ulmeiros, que lindos! — disse Francisca Tereza.

— E a hera a cobrir-lhes os troncos, que encanto! — acrescentou.

— Esta estrada é bonita; mas é triste, não acham? — observou Chucha. — Gosto mais de árvores pequenas, sol, luz...

— Triste porquê? Eu acho que não há sítios tristes ou alegres — disse Manuel — as pessoas é que estão com telha alegre ou telha triste.

— Você não sabe nada disso; está sempre com telha verdadeira, telha mesmo! — respondeu a Chucha, rindo.

— E é mesmo — concluiu Manuel.

— Outra quinta cheia de árvores, à direita! — exclamou Francisca Tereza — mas aqui são cedros, que belos!

Domingas explicou:

— Esta é já a quinta onde está a tal Creche, sabem? Daqui a cinco minutos estamos à porta dela.

(Continua)

por Maria Paula de Azevedo

(Desenhos de Guida Ottoline)

CHÁ DA COSTURA

— Continua com o Beethoven, Maria José! — exclamou Joana, com entusiasmo.

— É tão bom viver-se um pouco no ambiente dos grandes homens... — disse Clara, pensativa.

— E até se cose melhor a ouvir coisas tão interessantes — declarou Rita.

— Ainda bem que gostam — disse Maria José, satisfeita, começando a sua narrativa.

— A surdez de Beethoven era quási completa! E êsse horrível desgosto, junto ao amor infeliz, às dificuldades materiais da vida, à tristeza de perder o seu irmão Carlos (ficando, a seu cargo, um filho detestável dêsse irmão) tudo isto inspira a Beethoven o célebre *Testamento de Heiligenstadt*, documento doloroso e impressionante em que êle explica as razões do seu temperamento taciturno...

— Coitado, e como poude êle continuar a compôr?! — gritou Joana, impressionada.

— A sua fé admirável, o seu culto pela virtude, pelo dever, é que o impedem de se matar! E é nessa época que compõe as mais admiráveis sonatas! Quanto mais caminha a surdez, mais espiritual é a concentração daquela alma em si mesmo... Entre as suas muitas discípulas tem Beethoven a inteligente Teresa de Brunswick, que sente uma adoração pelo seu mestre, trocando-se entre ambos uma correspondência cheia de ternas expressões. Porque não casaram? Não se sabe.

— Naturalmente por êle ser surdo... — disse Alice.

— Não sei. Foi mais um sonho desfeito. E ainda hoje se discute se o verdadeiro amor de Beethoven foi por Julieta Guicciardi se por Teresa de Brunswick.

— A tal Julieta não merecia o amor dum homem como êle — declarou Joana.

— E tens razão, Jana! Mas sabe-se lá?... — continuou Maria José — A sua *religiosidade* é que nunca o abandonava; foi a maior fôrça da sua vida!

E compõe a célebre *Missa* em ré, que chamou *Missa solemnis*, com todo o sentimento cristão da sua alma. Muitos dos seus protectores principescos tinham morrido; e a moda em Viena está agora tôda virada para a música italiana. Beethoven, pobre, surdo, orgulhoso, isola-se de todos, e todos o abandonam!

Mas compõe, compõe sempre: até mesmo para comer e para acudir às despezas do tal horrível sobrinho, que só com ingratidão e maldade pagou os seus sacrifícios.

Nesta época tristíssima pensa Beethoven em compor a sua nona sinfonia: e esta sinfonia é inspirada na Ode à Alegria, de Schiller!

— Onde tinha êle alegria para se inspirar?! — exclamou Joana, espantada.

— E' extraordinário, é! Mas foi assim mesmo. Bem vês tu que Beethoven estava *acima*, bem acima, dos homens vulgares! Era o verdadeiro *super-homem*.

Vivia numa casita modesta nos arredores de Viena; mas como todos os meses se sabia que êle vinha à cidade falar com o editor, grupos de rapazes, pianistas, compositores, estudantes, espreitavam nessas ruas a passagem do Mestre... E quando surgia ao longe a figura atarracada de Beethoven, de sobrecasaca azul clara, as algibeiras cheias de papéis e aparelhos acústicos, o colarinho de grandes bicos, o

chapéu alto de abas largas sôbre a cabeleira já grisalha, a expressão rabujenta, chegavam-se a êle para o ver, para o ouvir, para o admirar... E eram êles, entre muitos outros:

Schubert, Rossini, Weber, Wieck, etc.

— Tudo isto é palpitante, Zé! — disse Rita, comovida.

— Então, a expressão rabujenta dava lugar à imensa bondade do seu coração; e acolhia a rapaziada com interêsse.

Mas estava perto do seu fim, o Grande Génio! Depois de um resfriamento terrível, caíu gravemente doente; e à sua cabeceira tinha sempre um só livro: a Imitação de Cristo.

Recebeu, devotamente, os Sacramentos; e a sua morte foi um exemplo da mais pura Fé Cristã!

— E morreu sòsinho? — preguntou Joana.

— Amigos fiéis estiveram sempre à sua cabeceira; e não esquecerei os seus nomes: Breuning, Schinder, Hummel. Desencadeara-se uma tempestade tremenda: trovões, relâmpagos, chuva torrencial, ventania...

E foi ao som de tão violenta música, mas na paz de uma consciência puríssima que Beethoven morreu em 26 de Março de 1827.

— Falaste lindamente, Zé! — disse Clara, abraçando a boa Maria José.

— E comoveste-nos a tôdas... — concluiu Joana, impressionada.

Correspondência com as Filiadas

Duas leitoras de Viana do Castelo, *Natalia Pereira d'Eça d'Alpuim* e *Maria Jorge de Ornellas Monteiro*, também se pronunciaram sôbre a *Maria Rita*.

Não viram, porém, na sua figura de rapariga «de agora» frequentando a sociedade de Lisboa, vivendo num meio onde, infelizmente, domina o calão, o carácter firme e recto que se esconde sob a sua aparente futilidade... Lamentam (e eu apreciei a sinceridade da sua crítica), que Maria Rita «as distraia» apenas, e não as eleve, como seria para desejar. Mas se a autora dum romance actual pintasse a sua heroína como a perfeição máxima, essa heroína deixaria de ser a *verdade absoluta* pois não seria *real*; a vida tem de se mostrar como ela é e não (em romances leves) como quereríamos que ela fôsse... E, na verdade, a maioria das raparigas que leram *Maria Rita, solteira*, sentiram através do seu diário singelo o bem que daquelas páginas pode tirar-se: isso foi para a autora um enorme consôlo.

É provável, que as minhas correspodentes de Viana, vivendo num meio mais calmo do que o de Lisboa, onde o calão se não usa (e ainda bem!) e onde as meninas não tenham, (felizmente), liberdade exagerada nos seus actos e pensamentos, achassem *Mirri*... uma insuportável serigaita!

A heroína de *Gente Nova* é diferente de Maria Rita.

Veremos se, como espero, lhes agradará...

Há poucos dias chega-me uma nova cartinha em que, numa caligrafia cheia de personalidade, *Maria Tereza Sarzêdas*, de 13 anos, me diz as suas impressões sôbre a *Maria Rita*. A carta é curta; mas um modêlo de simplicidade e clarêza. E julgo ter atingido o meu fim lendo nela a seguinte frase:

«Gostei muito da Maria Rita que, apesar de ser «uma rapariga moderna, é uma rapariga como *deve ser*».

Bem haja, Maria Tereza, pela alegria que a sua cartinha me trouxe!

E no momento em que eu pensava terminar (por esta vez) a correspondência com as Filiadas, chega-me a deliciosa carta de *Viviane*, comentando, com vivacidade espirituosa, a *Maria Rita solteira*.

A sua declaração categórica de que aquela família é *«tal qual o tipo da família portuguesa vista do nosso meio* deu-me um imenso prazer!

Pois, para quem escreve, um dos fins a atingir é que as figuras que cria tenham *vida e naturalidade*; não sejam meros «fantoches» onde o artifício substitua a realidade. E espero ter conseguido fazer viver a minha Maria Rita, tornando-a companheira querida das raparigas de hoje.

Como síntese do livro, diz ainda *Viviane*:

«Maria Rita é alegre, bôa, bastante sensível, «séria e tem uma filosofia prática».

Os meus agradecimentos à simpática Viviane!

Maria Paula de Azevêdo

NOTÍCIAS DA M. P. F.

Centro n.º 20 — Aula prática de puericultura

A VIDA DE UM CENTRO

RESUMIMOS nesta página as notícias do Centro n.º 20, Escola de João de Barros, Lisboa, que sucessivamente nos foram enviadas durante o ano lectivo.

Assim, em conjunto, êsses relatos dão-nos melhor a idéia do que é a vida de um Centro, com as suas actividades, obras de assistência e iniciativas particulares.

E temos que reconhecer que a Mocidade *é uma organização* viva, *útil e alegre.*

Aulas práticas

Certas aulas teóricas da M. P. F., se não se desdobrarem em aulas práticas, perdem muito do seu interêsse. Assim a puericultura e a culinária, apenas decoradas, não podem entusiasmar. Por isso, indo ao encontro do desejo de todos que trabalham neste Centro, desejo que já vinha de há muito, inauguraram-se êste ano, um posto de puericultura, muito simplezinho, e uma cozinha muito modesta, mas onde se fizeram já vários almoços.

Êste sonho pôde tornar-se realidade com o auxílio de um donativo da Delegacia que muito gratas nos deixou.

Ao pôsto de puericultura vai apenas um bébé de 8 meses, e as filiadas, por turnos, sob a direcção da sua instrutora vão cuidando dêle. Não se supõe com que entusiasmo se passa esta aula! Dão-lhe o banho, cuidam-lhe da roupa, dão-lhe a sua refeição, e assim, embora muito modestamente, se vão preparando as filiadas da M. P. F. para futuras mães.

Para a cozinha também são escaladas umas 6 de cada vez. É tudo modestíssimo: tachos de barro, colheres de pau, fogões de petróleo, mas... a comida faz-se e êsse almôço ou é comido pelas cozinheiras improvizadas ou o oferecem a alguma mais necessitada.

No próximo ano, se Deus quiser, tudo se irá aperfeiçoando e o interêsse por essas coisas tão necessárias às futuras donas de casa, irá aumentando e a M. P. F. se irá tornando cada vez mais útil às nos as raparigas.

A directora do Centro n.º 20

O nosso almôço

O nosso almôço foi no dia 5 de Janeiro, já quási ao findar da época festiva do Menino Deus.

Mas, nem por isso, teve menos espírito do Natal, êsse espírito cheio de Amor e Ternura que existe sempre, latente, em nós, e desperta, e vibra, ao primeiro embate, mal passa à nossa beira um pequenito pobre, mal vemos um sorriso de menino, que poderia ser um novo Messias e, tantas vezes, não é mais do que um «nada» que o Mundo perde e o mesmo Mundo, depois, apedreja.

Tínhamos juntado algumas roupinhas usadas e brinquedos já velhotes daqueles que estavam abandonados, há muito tempo ao canto da gaveta, porque a menina deixara de brincar.

Tinham todos, em si, a nota de humildade de quem os dera, que muitos tinham vindo das garotitas quási pobres das escolas primárias, dessas que, precisamente porque menos têm, melhor do que as outras entendem o que é ter frio e o que é ver as montras carregadas de bonitos e não ter, em casa, nem uma mona de trapos para embalar.

O almôço não foi — não podia ser! — uma obra do Centro, vinda da sua receita, um pouco de dinheiro que se gasta e que nada diz, e que nada desperta, de gratidão e de alegria, porque é dinheiro apenas.

Não, foi uma obra nossa, nascida de um nada, de uma palavra, de uma idéia, que se fez muito, à custa de esforços que souberam bem, porque eram úteis, de esforços feitos a rir, que não se sentem mas que existem, ainda assim.

Foi uma obra das filiadas, forjada nas almas e posta a nú, num desejo de realidade, de realidade sempre maior, sempre mais ampla.

Como é curioso que Centro e filiadas, tão estreitamente unidos, tão quási a mesma coisa, assim defiram tanto, quando se trata de matar a fome » criancinhas pobres, quando se trata de encher de alegria olhos que nada mais viram, tantas vezes, que o ambiente fétido das suas ruas, que a estreiteza escura das suas casas.

Um tem o sabor oficial das coisas rígidas e materiais; as outras são como promessas de nova Vida, lembram mães pequeninas, curvadas sôbre filhos que são de todos, já que os pais não têm o direito de lhes bastar.

O dinheiro poderia ter saído do Centro, mas, como foi diferente, como foi melhor aquela refeição feita de pequeninos nadas que cada uma de nós levou e quís dar por suas mãos àquelas crianças ávidas de pão e de ternura.

A ementa — caldo verde e massa guisada com chouriço — era das que a gente miúda, habituada a viver na rua, aprecia acima de tudo, acima dos bifes e da galinha, comida fina que os não sacia.

A mesa, posta a preceito, com toalha branca e azevinho, a côr bonita das laranjas e salpicá-la, de onde em onde, dois grandes guardanapos cheios de bolos e embrulhinhos de chocolates, recebeu, à 1 hora, os seus hospedezinhos, acanhados e sorridentes, de olhitos radiantes, a fitarem tudo, numa grande interrogação.

Ah, que se tôda a gente quisesse «perder» um bocadinho de tempo, a tentar entender as interrogações dos olhos dos garotos pobres, muito havia de aprender e talvez que o mundo passasse a ser o que não é.

Naquele momento elas talvez quisessem preguntar:

«Porque é que, só neste tempo, quando há árvores com brinquedos, e presépios, quando as casas se enfeitam de azevinho e de pinheiro, é que tôda a gente nos dá coisas boas?

E nós, talvez não soubessemos responder a essa pregunta, não soubéssemos dizer porque é que o ano inteiro não é um Natal, um Natal de Caridade, repetido em cada dia.

E almôço decorreu sossegado, calmo, que os pequenos, porque não se conheciam, nem nos conheciam, comiam em silêncio, a olhar-se, de quando em quando, curiosamente de revés.

E, então, sucedeu um caso «extraordinário», como nos milagres dos pães e dos peixes. A comida cresceu, multiplicou-se.

Na rua, soara a notícia de um almôço, dado a pobres, e à porta, apareceu-nos um «exército» que não tínhamos «recrutado», 13 novos hóspedes a quem não queríamos, a quem não podíamos recusar o almôço que nos pediam.

Sentaram-se à mesa e comeram. E assim foi que, de um almôço feito para 11 e com certo receio de que não chegasse, se fez um almôço para 24, em que alguns dos últimos chegaram a repetir e em que as «cozinheiras» ainda tiveram o seu quinhãozinho.

E, até os brinquedos chegaram para todos e, quando, atrás do último, se fechou a porta da escola parecia que qualquer coisa de muito bom e muito leve, havia em tôdas nós uma como que Alegria, serena e forte, que nada poderia apagar.

Pediram-me que fizesse uma descrição do almôço do nosso Centro.

Sei que não fiz o que me pediram que não descrevi, que escrevi apenas frases, idéias, sentimentos. Que me perdoem as pessoas a quem desgostei, mas há coisas que sei sentir e não sei dizer.

Maria Idália Gomes Correia. Centro 29

Centro n.º 20 — Um dos «Jornais de parede»

Centro n.º 20 — Aula prática de culinária

A nossa festa

Foi na quinta-feira de Ascenção a nossa festa.

Nem cenários, nem guarda roupa, nem pompas que o centro é pobrezinho.

Foi apenas um dia de actividades, de actividades estilizadas, é claro, mas a querer dar a idéia do que é o nosso trabalho, a nossa acção de cada dia.

Quem nos quís visitar nesse dia — e a tôdas as senhoras que nesse dia nos honraram com a sua presença sinceramente agradecemos — soube que caminho levamos dentro da Mocidade.

A Mocidade para nós é o prolongar do sábado em tôda a semana, espalhar o seu espírito por todos os espíritos fazendo instrução viva e vivida e não teorias estéreis.

A quem nos veio visitar mostrámos o nada da nossa riqueza na louça de barro da nossa cozinha, nas coisinhas poucas do nosso Pôsto, feito aos poucos, lentamente.

Mas há uma coisa em que somos ricas, em que porfiamos por ser mais ricas que ninguém — em boa vontade de servir a Mocidade, a Mocidade, organização, e a Mocidade conjunto de almas para alicerces de um mundo futuro.

Na presença de representantes da Ex.ma Sr.a Delegada Provincial, e da Sub-Delegada Regional, da Directora do Jornal da Mocidade, do Ex.mo Sr. Major Sacramento Monteiro, professoras e instrutoras, o programa abriu com algumas palavras da Directora do Centro, que disse que se ia fazer um dia de actividades da M. P. F., igual a tantas outros, mas feito apenas com mais solenidade. Seguidamente, uns dos Directores da Escola, o Sr. Dr. Pedro Franco fez uma palestra em que explicou a parte teórica da Mocidade. Entrou-se imediatamente na parte prática, começando-se pela *moral*. A mais graduada do Centro ia ligando todas as partes do programa e explicando o seu significado.

Na «Moral», com produções feitas pelas filiadas, exemplificou-se as três modalidades da moral: a religiosa, a civil e a social. Finda esta parte, entrou-se no «Canto Coral», cantando-se músicas de três géneros: religioso, clássico e folclórico. Depois, antes de passarmos às partes activas, recitaram-se algumas poesias do nosso jornal dêsse mês, jornal de «parede» que sai todos os mêses, cujas produções, desenhos e composição são inteiramente feitas pelas filiadas. Desceram então os nossos convidados ao rez-do-chão, onde o pôsto de puericultura e de culinária estavam a funcionar. No pôsto lá estava o nosso bébé tomando o seu banho, para depois lhe ser dado o leite. Na culinária tinha sido feito um bôlo que os visitantes provaram e saborearam. Foi-se finalmente para o campo de jogos, onde se assistiu às classes de ginástica e a alguns jogos disputados com entusiasmo pelas filiadas.

Assim terminou «Um dia de actividades» e assim terminou a nossa festa, onde todos trabalharam com tão grande boa vontade.

NOTA: Por falta de espaço não podemos publicar neste número a notícia da «Embaixada da Bondade e da Alegria» realizada por êste Centro.

JOGOS FLORAIS DE 1945

Poderão ser apresentados:

1.º — Em verso

a) — Poesia de exaltação de uma figura ou de um acontecimento nacional;

b) — poesia lírica;

c) — poesia infantil;

d) — quadra popular;

e) — poesia filosófica;

2.º — Em prosa

a) — conto;

b) — narrativa histórica.

3.º — Peça teatral

CONDIÇÕES DO CONCURSO

1.º — Poderão concorrer tôdas as filiadas.

2.º — Só serão admitidas produções originais e inéditas.

3.º — De cada produção serão enviados um original e cinco cópias.

4.º — Os originais em verso não excederão três páginas dactilografadas nas mesmas condições do periodo anterior.

5.º — O pseudónimo ou divisa que subscreverão cada original figurarão num sobrescrito lacrado em cujo interior se encontrem o verdadeiro nome da autora com a indicação do Centro, Ala e Provincia a que pertence.

6.º — Só serão abertos os sobrescritos correspondentes aos trabalhos classificados, depois de sôbre êstes ter sido lançada a respectiva classificação e de terem sidos rubricados pelos membros do Júri que os classificar. Compete à Comissária Nacional proceder à abertura dos sobrescritos para identificação das autoras.

7.º — A produção considerada em superioridade absoluta de mérito será premiada com uma rosa natural e 500$00 — quinhentos escudos.

8.º — As duas primeiras produções classificadas, em cada género, serão premiadas com um livro.

9.º — Estabelecem-se menções honrosas em números nunca superior a um terço do total de concorrentes.

10.º — A leitura dos trabalhos classificados e a entrega dos respectivos prémios terão lugar na festa para êsse efeito a realizar no dia 1.º de Dezembro, que possivelmente se efectuará no Pôrto.

11.º — As concorrentes classificadas terão direito a ler as suas produções. Os trabalhos em prosa só serão lidos, no todo, ou em parte, se o Júri assim o entender. Poderá ser representada nesta festa a peça teatral que o Comissariado Nacional determinar.

12.º — Não havendo trabalho que o justifique não serão conferidos os prémios da respectiva categoria.

13.º — Tôdas as produções deverão estar de acôrdo com os principios morais e directrizes educativas da Organização.

14.º — Até o dia 10 de Outubro serão recebidos trabalhos na Direcção dos Serviços Culturais, da Mocidade Portuguesa Feminina, Praça Marquês de Pombal, 8 — Lisboa.

FALEMOS COMO AMIGAS

É Cristina
por isso que as amigas fogem

OS nossos defeitos aos quais estamos habituadas ao ponto de não dar-mos por êles, não passam despercebidos aos olhos estranhos. A nossa família, pelo muito que nos quere, perdôa-os e desculpa-os; e até, nos inventa qualidades que muitas vezes não possuímos, cegos pelo muito amor que nos têm. Mas os olhos dos outros não têm essa indulgência e estão àlerta, prontos a criticar e a troçar de nós. E porque nos não têm amor nem amizade, não se sentem com obrigação de nos desculpar e aturar.

Muitas vezes o insucesso na vida, provém de um pequeno defeito.

A's vezes admiramo-nos de uma rapariga bonita não ter o sucesso esperado, nem obter a amizade de outras pessoas. O segrêdo está no defeitozinho habitual, de trazer por casa, aparentemente de pouca monta, mas que os outros não perdoam.

Procuremos os nossos defeitos e exterminemo-los para que não digam de nós: Fulana é encantadora, mas...

Cristina é um encanto,.. mas... é invejosa!...

— Invejosa? A Cristina?!! Mas ela tem tudo!...

— E' verdade, ela tem tudo: família, nome, posição, meios de fortuna, uma figura elegante e um palmito de cara agradável. No entanto assim é. Quando alguém brilha mais que ela, Cristina amúa, e faz uma cara!... Se diante dela elogiam uma rapariga, Cristina acha maneira de pôr em evidência algum defeitozinho da elogiada. Sente espicaçado o seu amor próprio sempre que a atenção geral se desvia dela para outra rapariga. Quando uma amiga faz um exame brilhante ou tem um vestido novo que lhe vai bem, Cristina sente um apêrto no coração, quere felicitá-la mas é sempre um pouco azêda e irónica.

Que feio, Cristina! E' por isso que as amigas se afastam. Com a mão na consciência, Cristina, isso é inveja! Vamos, coragem! Corrige-te dêsse feio pecado e verás a vida côr de rosa!... Regozija-te com os outros e toma para ti as alegrias dêles, terás a vida cheia, porque terás na tua, a vida dos outros.

Mariana
Oprimes os outros e não os tornas felizes

Mariana é encantadora, mas... é autoritária.

Entre as amigas, dá leis.

Em família, impõe-se e subjuga as irmãs mais novas.

Em sociedade, pontifica.

Mariana é boa, recta, inteligente, mas não admite contradições. Tem uma fôrça de vontade máscula e conhece o seu valor próprio.

Cuidado, Mariana! Com as outras raparigas tornas-te insuportável — Não tens amigas.

Em sociedade tornas-te ridícula — Serás o bôbo.

Em família, (isso é mais grave) dominas, abafas, com a tua personalidade as tuas irmãzitas. As manas chamam-te a Sr.ª Doutora, e anceiam por libertar-se de ti. Tudo isto se passa naturalmente, e nem vocês quási dão por isso. Pois é, Mariana, as manas gostam de ti e admiram-te mas tu pesa-lhes, oprime-as. Quando se tem uma personalidade forte como a tua, uma visão clara, e uma inteligência viva, corre-se o risco de abusar dessas fôrças. Impondo-te, mesmo com boa intenção, oprimes os outros e não os tornas felizes.

Tu andas na vida como um general em campanha. Mas uma mulher deve ser menos dura, menos cortante, mais transigente... Tens carácter, bem sei, mas olha, Mariana, não há homem nenhum o menos de ser parvo, que case com uma mulher tão «marcial». Lembra-te, Mariana, que o mundo pertence aos mansos, aos humildes de coração.

Com menos imposição e menos dominação, que grande mulher tu serás, Mariana!...

É patente aos olhos de todos que Rita se acha linda!...

Rita é um amor, mas... Ai, Rita! Rita! Essa vaidade torna-te insuportável!

E' patente aos olhos de todas que Rita satisfeita da sua sorte se acha linda!... Pobre Rita, essa admiração constantd de ti mesma torna-te cega para o resto da humanidade!... Não vês senão a ti; não houves senão a tua própria voz; não admiras senão a ti mesma. E's o teu maior admirador. Cêdo serás o teu único admirador.

Quando ela anda, quando ela dança, quando ela estuda, quando ela fala, quando ela ri, ou quando ela chora, a Rita é tôla! tôla! tôla!

Bonequinha ôca, serias um encanto de mulherzinha se não fôsses tão egoísta e vaidosa. E's naturalmente, inconscientemente vaidosa, e êsse grande defeito impede-te de mostrar que és jeitosa, hábil, activa, diligente, e até, paciente.

Quando a Rita desce do seu pedestal e se digna dar um ar da sua graça, chega mesmo a ter espírito...

Mas tudo isso está encoberto pela capa da vaidade, e todas se cansam da Rita porque é tôla, tôla!

Sidónia
Dá esperanças a todos

Sidónia é muito engraçada, mas... mas é a um tempo tôla, leviana e «coquette».

Debaixo de uma capa de seriedade sisuda, Sidónia, gosta de se fazer valer, e sem namorar nenhum rapaz dá esperanças a todos. Assim vai prendendo sem se prender. «Flirta» com todos com ar de santa, e traz apaixonados a um tempo três ou quatro corações para se divertir. Com manha os vai entretendo, e com sábia maestria, sempre distante, os faz pulsar mais ou menos até lhes dar o golpe final. Ao princípio isto passava despercebido; parecia uma menina tão séria!... Mas com o repetir da brincadeira, tornou-se notório que Sidónia é, como dizem os franceses «coquette».

Esta falta de coração e de escrúpulos tem-lhe grangeado severas reprimendas e algumas sensaborias. Mas ela arma em vítima, e pronto!...

Dentro em breve nenhum rapaz lhe fará a côrte.

Acaso queres ficar solteira, Sidónia?

M. B.

Bucelas — Foto Orion

PARA AS QUE VÃO PARA A PRAIA

1 — *Saia de riscas, blusa bianca e chapéu de aba larga.*
2 — *Saco de praia, o chapéu e alpargatas, a combinarem com o vestido prático da manhã.*
3 — *Vestido de seda às riscas para a tarde*

PARA TÔDAS...

Descançar o espirito e o corpo.
Andar ao ar livre e ao sol.
Ter cuidado com o sol nos primeiros dias, (as queimaduras são perigosas.)
Comer coisas simples, sôbre tudo fruta crua e saladas cruas.
Levantar cêdo e deitar-se cêdo.
Aproveitar o tempo livre em trabalhos agradaveis e leituras proveitosas.
Fazer compotas de fruta para o inverno.
Fazer reserva de alegria, saúde e bôa disposição para o ano todo.

BOAS FÉRIAS!!! **FÉRIAS ALEGRES!!!**

PARA AS QUE VÃO PARA O CAMPO

4 — *Vestido de algodão para a tarde*
5 — *Para as ciclistas: Vestido de saia-calça, comodo e bonito, em lã ou algodão às riscas. Tem algibeiras e cinto de cabedal.*
6 — *Para as* patinadoras: *Saia rodada e blusa garrida às pintas. Sapatos grossos e* soquettes

Carcavelos — foto V. H. Orion

A M. P. F. em Lamego

1 — Embaixada da Bondade e da Alegria ao Asilo de Mendicidade
2 — Exposição de enxovais
3 — Provas práticas de puericultura
4 — Apoteose final de uma récita: «In hoc signo vinces»
5 — A caminho do santuário de N. S. dos Remédios
6 — Preparando uma exposição de enxovais e bêrços